Visão do humano no encontro entre Maguy Marin e Beckett

DIDIER GRAPPE

O fim talvez

Os corpos de Samuel Beckett habitam "May B", obra sublime de Maguy Marin, de 1981, que quarta-feira é interpretada no Festival de Almada. É o regresso deste nome maior da dança europeia, distinguida este ano com o Leão de Ouro da Bienal de Veneza

TEXTO **CLAUDIA GALHÓS** EM ESTRASBURGO E LYON

Foram precisas mais de duas décadas para reencontrarmos nos palcos portugueses a Companhia Maguy Marin. O coletivo da coreógrafa francesa regressa agora no âmbito do Festival de Almada (Escola D. António da Costa, quarta, 22h) com a apresentação da obra mais emblemática do seu repertório: "May B" (1981). Peça comovente, envolvente, poética e assombrosa que nestes mais de 30 anos nunca deixou de ser apresentada, colhendo aplausos entusiásticos e longos de plateias de todo o mundo. Em Estrasburgo, onde o Expresso assistiu à apresentação em maio passado, os aplausos de pé estenderam-se além da meia hora.

Mas toda a história como coreógrafa de Marin é relevante. "May B" é sublime, desde logo, pela sensibilidade e virtuosismo humano com que capta o imaginário de Samuel Beckett, escritor que a coreógrafa encontrou para discutir, na altura, a criação da peça, e que se conta mais à frente.

Mas Maguy Marin é influente também na atualidade. Não apenas pela longevidade das obras que cria, mas porque os seus novos espetáculos mantêm uma força interpeladora do real e da poesia, estabelecendo ligações profundas entre a dimensão da pesquisa artística com um discurso político, mesmo que nem sempre evidente. Tudo isto contribuiu para ter sido distinguida este ano com um Leão de Ouro, prémio de carreira, da Bienal de Veneza.

Maguy Marin é um dos nomes maiores da história da dança europeia. Nome que contribuiu de forma fundamental para a abertura da mentalidade sobre o que pode ser a dança contemporânea em Portugal, por via da sua presença nos Encontros Acarte, da Gulbenkian, em finais dos anos 80. Com o seu contributo, o território da composição para o corpo revelou-se um universo mais amplo, poético, questionador, inquietador,

autoral do que até então se conhecia e criava no país. A Companhia Maguy Marin estreou-se entre nós em 1988, com a peça que acabara de estrear, "Coups d'états" (Auditório Gulbenkian, Encontros Acarte). Esta transportava, de forma radical, um discurso político que, naquele caso, dividiu estrondosamente o público de então, entre assobios ruidosos e aplausos entusiasmados. Regressou ao mesmo festival em 1992, com duas peças seminais do seu repertório: "May B" e "Cortex" (1991).

Em maio passado, o festival FIMFA LX16 incluiu no programa a peça que Maguy Marin criou para o seu filho, David Mambouch, "Singspiele". Nesta, permanece a presença de um jogo de máscara, que existe de forma diversa em "May B", partindo de uma citação do escritor Robert Antelme, marido de Marguerite Duras, autor de obras sobre a morte, sobre o campo de concentração de Dachau, ou sobre a necessidade que as pessoas têm de serem reconhecidas como únicas. Este regresso, desta vez com a sua Companhia Maguy Marin, é uma promessa de reencontro com prolongamento no próximo ano, com a apresentação de "Bit", peça de grupo criada em 2014, no Teatro Rivoli (Porto).

Maguy Marin é uma mulher de princípios e de procura profunda de um envolvimento artístico além do evidente e imediatamente visível. É recorrente na sua obra a qualidade de dimensão humana, a visão política, poética, intimista e despojada, sempre rejeitando estratégias de facilitismos ou exuberância imagética.

Em maio passado, carregando ainda a emoção e o peso da responsabilidade da arte na vida que "May B" suscita no espetáculo, encontramos Maguy resguardada no seu Centro de Artes distante do centro de Lyon. Ramdam é um espaço de residências artísticas e criação, onde se convive em simplicidade a vida dos dias ternos, em contacto com a natureza e numa estrutura edificada deliciosamente precária e acolhedora. À sombra de uma árvore, Maguy explica como "May B" contém os elementos que, depois, constroem a sua identidade artística. "'May B' é o trabalho a partir do qual todas as questões depois são colocadas. Por exemplo, o ritmo, o *ensemble*, a escuta, o jogo teatral, a precisão do corpo..."

Samuel Beckett surge como referência fundamental, não apenas pela forma direta como contamina a essência da obra mas por motivos que podem não ser tão evidentes.

Maguy Marin contribuiu para a abertura da mentalidade sobre o que pode ser a dança contemporânea em Portugal, por via da sua presença nos Encontros Acarte

"Quando lemos Beckett, lemos o trabalho do corpo. A relação com o corpo. Isso sempre me interessou, desde os tempos em que era bailarina na escola Mudra, do Maurice Béjart. Quando cheguei à escola, aprendi a importância de todas essas artes da cena: trabalho do ritmo, da voz, do teatro, do corpo, da dança, do grupo.

Acredito que a partir do momento em que comecei a criar, tive sempre isso na cabeça. Depois, também porque era Beckett, permitiu-me afirmar que era naquele sentido que desejava trabalhar."

Quando pensou criar a peça, decidiu escrever a Beckett. "A minha ideia era trabalhar sobre a atmosfera da sua escrita e não sobre uma peça específica. Queria extrair da escrita de Beckett, teatral mas também de outros textos, materiais que me pudessem servir como bailarina e coreógrafa. Isto porque a escrita dele trabalha muito sobre o corpo, e como bailarina interessava-me aquela visão de corpos diferentes, com impossibilidades. Não se trata de corpos jovens, corpos de bailarinos ou desportivos. Queria mesmo trabalhar sobre esse *handicap* do corpo ou, melhor dizendo, dos corpos diferentes. Na altura, todos me diziam, 'atenção, é Beckett, nunca te vai ceder os direitos para o fazeres'. Enviei então o meu dossiê sobre a intenção da peça à editora Editions du Minuit. Algum tempo depois recebi uma mensagem de que o Beckett tinha lido e queria encontrar-se comigo. Cheguei uma hora mais cedo para ver se o reconhecia. E reconheci-o. Vi chegar um homem muito elegante, muito grande, muito bonito, um ar muito vivido no rosto. Não falámos muito. Sentámo-nos numa mesa. Ele disse-me que tinha lido o dossiê, que estava cada vez mais focado na pesquisa de teatro sem texto e o facto de eu vir da dança interessou-lhe."

Nessa ideia inicial, Maguy pensava focar a segunda parte da peça na obra "Fim de Partida" de Beckett. O escritor foi claro no conselho que lhe deu: "não deves retomar um texto... não respeites as coisas, trabalha sobre uma intuição". A memória que guarda desse encontro é do privilégio de conhecer alguém "genial" ao mesmo tempo que era "muito silencioso". No final, Beckett ainda lhe disse que ouvia muito Schubert e — a vida tem destas coincidências — a coreógrafa já tinha pensado trabalhar com composição de Schubert em "May B". É também ao escritor que diz dever o título e as palavras que suscitam uma estrutura de início e final de peça. Essas poucas palavras que ainda se escutam em cena, extraídas de "Fim de Partida", têm um duplo significado para o espetáculo. O que resta do texto é: "Acabou. Está acabado. Isto vai acabar. Isto vai talvez acabar." Naqueles corpos e rostos de pó, cansados de um movimento perpétuo que não os leva a lado algum, uns encurvados, outros tortos, outros desamparados ou simplesmente perdidos, este breve texto diz hoje muito dos tempos atuais; talvez de forma ainda mais marcante do que há 30 anos. Diz de como o que está mal no mundo não termina e a viagem nunca acaba. Os dramas dos refugiados, dos migrantes, da discriminação parecem pairar por ali como fantasmas. Maguy sabe o que isso é, ela que é filha de pais espanhóis que se refugiaram em França, mesmo que tenha já nascido em Toulouse. Essas mesmas palavras também fornecem o foco no ritmo que tem vindo a explorar desde então de forma diversa. "A frase é muito musical. Serve de grelha ou de matriz a muitas coisas na peça. O público às tantas não se apercebe que está lá, mas para mim significa um ritmo que é permanente." Enquanto diz o que se segue, Maguy marca o ritmo com a mão na mesa e conta: "1, 2; 1,2,3;1,2,3,4;1,2,3,4,5,6,7." E explica: "Esta contagem corresponde a 'Acabou. Está acabado. Isto vai acabar. Isto vai talvez acabar.' A partir disto desenvolvi muito material. É um ritmo que está inscrito na peça."

O ritmo contém implícito, para Maguy, um significado político. É isso que trabalhou de forma evidente em "Bit". "Entendo o ritmo como uma questão política. Isso é evidente quando um ritmo está demasiado escrito ou quando dizemos, por exemplo, que 'há uma cadência, com algo de militar lá dentro, em que nos conduzimos em conjunto a um mesmo lugar no mesmo passo'. Isso significa que há algo fascista lá dentro, militar... E, quando não há ritmo de todo, é como se não houvesse escuta uns dos outros, como se não pudéssemos viver juntos, porque estamos sempre todos a contratempo, a tentar boicotar-nos ou algo do género. Por tudo isto, a pesquisa do ritmo é sobre como trabalhar juntos, ritmicamente, para que algo seja possível de ser construído em conjunto mas sem que sejamos obrigados, cada um individualmente, a ser como os outros. É um procurar como guardamos o próprio ritmo, mas, ao mesmo tempo, o metemos no interior da essência dos outros, e como se articula essa diversidade. Isso pode ser experimentado na dança, no teatro, na voz, mas também na vida." ●

PATRICK KOVARIK/AFP/GETTY

Retrato da coreógrafa Maguy Marin

O Expresso viajou a convite do Festival de Almada

Mais informação na pág. 82